

Crise alimentar aflige três mil pessoas em Derre

MAIS de três mil e quatrocentas famílias estão a enfrentar escassez de alimentos em nove povoados do distrito de Derre, na província da Zambézia, devido à falta de provisão de sementes para dar corpo à produção de comida na primeira época da campanha agrícola 2016-2017. Trata-se das regiões de Nhazanza, Namuno, Guériça-sede, Derre-sede, Passura, Nambui, Machindo, Mecaronga e Muerongo, localizadas no vale do Zambeze, que apesar do potencial existente as famílias camponesas não tiveram capacidade de aquisição de sementes.

Entrevistados há dias pela nossa Reportagem, os produtores do sector familiar queixaram-se da falta de assistência em sementes e insumos agrícolas, situação que poderá contribuir para a fraca produção de alimentos e ocorrência de fome aguda. Orlando César, um dos produtores que falou ao "Notícias", disse que, se houve a provisão de sementes e insumos agrícolas, de Outubro a esta parte as famílias já deveriam estar a colher milho, batata e leguminosas da primeira época desta campanha.

César afirmou que nas regiões de Nhazanza, Passura e Muerongo há famílias que estão a enfrentar

a fome, porque não tiveram assistência em sementes para primeira época da presente safra agrícola, situação que poderá trazer outras consequências, nomeadamente problemas nutricionais e desistência de alunos nas escolas.

Para além da falta de sementes, o nosso entrevistado disse que nos primeiros dois meses desta campanha agrícola a estiagem também concorreu para a fraca produção de alimentos, apesar de os produtores terem alargado as suas áreas de produção.

Eugénia Pita, camponesa de Nambui, queixou-se igualmente da fome que está a afectar 3472 pessoas desde o ano passado, devido à estiagem prolongada e à falta de assistência em sementes. Aquela camponesa disse que muitas famílias não têm recursos financeiros para aquisição de sementes e de insumos agrícolas, pelo que a venda subsidiada não era o que os produtores esperavam, mas isso não aconteceu no presente ano.

Os nossos entrevistados dizem que, apesar de estar a chover desde finais de Janeiro último, a precipitação atmosférica é ainda insuficiente e aliado a isso está o "stress" hídrico, pelo que a esperança dos produtores reside

na segunda época. Aliás, soube a nossa Reportagem que a área afectada nas regiões atrás abordadas está estimada em 5417 hectares desde o ano passado a esta parte.

Entretanto, a nossa Reportagem entrevistou Elton do Rosário, técnico dos Serviços Distritais de Actividades Económicas, de Derre, que justificou que a falta de provisão de sementes aos produtores deveu-se ao facto de a sua aquisição ser subsidiada e os camponeses pretendiam que fosse distribuída gratuitamente. Aquele técnico disse que nos anteriores anos a semente foi vendida em feiras agrícolas e o procedimento foi a comparticipação dos produtores devido aos altos custos de aquisição e transporte por parte dos provedores e, mesmo assim, os produtores têm vindo a queixar-se da incapacidade na sua aquisição.

Em relação à situação da fome reportada pela população, o nosso entrevistado não confirma, mas avança que no período do pico da estiagem prolongada o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades e a Visão Mundial distribuíram 120 toneladas de produtos alimentares diversos, nomeadamente milho, feijão manteiga e arroz.



Crise alimentar mergulha Derre num ambiente de sofrimento

Crise alimentar aflige três mil pessoas em Derre

MAIS de três mil e quatrocentas famílias estão a enfrentar escassez de alimentos em nove povoados do distrito de Derre, na província da Zambézia, devido à falta de provisão de sementes para dar corpo à produção de comida na primeira época da campanha agrícola 2016-2017. Trata-se das regiões de Nhazanza, Namuno, Gueriça-sede, Derre-sede, Passura, Nambui, Machindo, Mearonga e Muerongo, localizadas no vale do Zambeze, que apesar do potencial existente as famílias camponesas não tiveram capacidade de aquisição de sementes.

Entrevistados há dias pela nossa Reportagem, os produtores do sector familiar queixaram-se da falta de assistência em sementes e insumos agrícolas, situação que poderá contribuir para a fraca produção de alimentos e ocorrência de fome aguda. Orlando César, um dos produtores que falou ao "Notícias", disse que, se houve a provisão de sementes e insumos agrícolas, de Outubro a esta parte as famílias já deveriam estar a colher milho, batata e leguminosas da primeira época desta campanha.

César afirmou que nas regiões de Nhazanza, Passura e Muerongo há famílias que estão a enfrentar

a fome, porque não tiveram assistência em sementes para primeira época da presente safra agrícola, situação que poderá trazer outras consequências, nomeadamente problemas nutricionais e desistência de alunos nas escolas.

Para além da falta de sementes, o nosso entrevistado disse que nos primeiros dois meses desta campanha agrícola a estiagem também concorreu para a fraca produção de alimentos, apesar de os produtores terem alargado as suas áreas de produção.

Eugénia Pita, camponesa de Nambui, queixou-se igualmente da fome que está a afectar 3472 pessoas desde o ano passado, devido à estiagem prolongada e à falta de assistência em sementes. Aquela camponesa disse que muitas famílias não têm recursos financeiros para aquisição de sementes e de insumos agrícolas, pelo que a venda subsidiada não era o que os produtores esperavam, mas isso não aconteceu no presente ano.

Os nossos entrevistados dizem que, apesar de estar a chover desde finais de Janeiro último, a precipitação atmosférica é ainda insuficiente e aliado a isso está o "stress" hídrico, pelo que a esperança dos produtores reside

na segunda época. Aliás, soube a nossa Reportagem que a área afectada nas regiões atrás abordadas está estimada em 5417 hectares desde o ano passado a esta parte.

Entretanto, a nossa Reportagem entrevistou Elton do Rosário, técnico dos Serviços Distritais de Actividades Económicas, de Derre, que justificou que a falta de provisão de sementes aos produtores deveu-se ao facto de a sua aquisição ser subsidiada e os camponeses pretendiam que fosse distribuída gratuitamente. Aquele técnico disse que nos anteriores anos a semente foi vendida em feiras agrícolas e o procedimento foi a comparticipação dos produtores devido aos altos custos de aquisição e transporte por parte dos provedores e, mesmo assim, os produtores têm vindo a queixar-se da incapacidade na sua aquisição.

Em relação à situação da fome reportada pela população, o nosso entrevistado não confirma, mas avança que no período do pico da estiagem prolongada o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades e a Visão Mundial distribuíram 120 toneladas de produtos alimentares diversos, nomeadamente milho, feijão manteiga e arroz.



Crise alimentar mergulha Derre num ambiente de sofrimento